

## **A CARACTERIZAÇÃO DO HUMOR PELA FIGURA DO DIABO EM *O AUTO DA BARCA DO INFERNO***

ALVES, Thiago Henrique G.  
SIQUEIRA, Ana Marcia A. (Orientadora)

**Resumo:** É durante o Humanismo, período de transição da Idade Média para o Renascimento, que surge o teatro popular em Portugal. Tem destaque a figura de Gil Vicente que constrói, com humor, figuras alegóricas. O teatro popular está enraizado no universo medieval, para tanto, traz consigo temas comuns a este vasto período histórico. Uma das temáticas mais abrangentes é a religiosidade. Encontramos facilmente em textos vicentinos seres como anjos e demônios. Nossa pesquisa trata sobre a caracterização do diabo na peça *O auto da barca do inferno*, vemos como o diabo é construído e suas principais peculiaridades. Para tal, utilizamos de teóricos que falam da Idade Média e de seu imaginário, como por exemplo: Le Goff, Muchembled, Hilário Franco Júnior. Em seguida, trabalhamos com o estudo comparativo de características explicadas pelos pesquisadores já citados e das encontradas no texto literário. Ao final, nota-se que o diabo construído por Gil Vicente apresenta características comuns aos “diabos” medievais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro. Imaginário. Gil Vicente. Diabo.

---

### **Considerações iniciais**

O Humanismo é uma estética literária surgida entre o final da Idade Média e o Renascimento cultural. Em Portugal, tem como marco inicial a nomeação, pelo Rei D. Duarte, de Fernão Lopes para as funções de Guarda-Mor da Torre do Tombo. É durante o Humanismo que surge nas terras lusitanas o teatro amplamente difundido por Gil Vicente.

As peças vicentinas são de caráter popular aproximando a linguagem, os temas e as formas de encenação do povo. Cultivou peças de caráter religioso (autos) e profano. Suas personagens são construções alegóricas da realidade, constantemente utilizadas com humor para satirizar a sociedade e criticar seu mal comportamento.

Por estar enraizada no universo medieval, há presença de seres como anjos e demônios em sua obra. Nossa breve pesquisa trata da caracterização do diabo na obra vicentina, em especial, no *Auto da barca do inferno*, para tal, utilizamos pesquisadores da Idade Média e de seu imaginário, como Nogueira, Muchembled e Hilário Franco Júnior. Em seguida, procedemos um estudo comparativo entre as características explicadas pelos pesquisadores e as encontradas no texto literário.

### **Construção da figura do diabo**

Durante a Idade Média predominou o pensamento cristão católico, favorecendo o desenvolvimento do imaginário religioso, que serviu como meio de controle do comportamento

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

coletivo, especialmente através do medo da condenação da alma ao inferno. Para entendermos o pensamento predominante da época, cabe uma pequena definição sobre imaginário: “o imaginário é um sistema de imagens que exerce função catártica e construtora de identidade coletiva ao aflorar e historicizar sentimentos profundos do substrato psicológico de longuíssima duração” (FRANCO JUNIOR, 2003, p. 95-96). Ou seja, a mentalidade é esse substrato de longuíssima duração que se modifica muito lentamente e se manifesta através do imaginário que expõe os diferentes simbolismos utilizados em diferentes recortes espaços-temporais:

Imaginário cristão que aqui tratamos vem desenvolvendo-se a partir da Idade Média. Contudo, antes desse período o Diabo tem sua figura construída através dos séculos, percebemos que ele assume diversas características e papéis, dentro da própria Bíblia surgem diferentes diabos: Pode-se dizer, grosseiramente, que o Satã do Velho Testamento, o torturador de Jó, estava a serviço de Deus para fazer o trabalho sujo que precisava ser feito. Não era, pois, um inimigo de Deus. (...) Já o Novo Testamento apresenta uma imagem ambígua de um Diabo que é, ao mesmo tempo, inimigo de Deus e realizador de sua Vontade (KOLAKOWSKI, 1985, p.8)

No trecho acima citado, podemos apontar aspectos que distinguem os diabos do Velho e do Novo Testamento. No primeiro, poderíamos afirmar que a figura do maligno aparece como sendo um inimigo do homem, mas não de Deus. Não surgindo a ideia de um ser decaído, condenado etc. No segundo, constrói-se a figura do anjo decaído, de um ser vivente neste mundo (mundo terreno com o domínio de Lúcifer), aquela figura pouco mencionada no Antigo Testamento, agora, mostra-se com mais frequência.

Na Idade Média surge um novo conceito de Diabo, nesta época não existia apenas um diabo, mas, sim, vários diabos. Os teóricos deste período voltam-se para a queda dos anjos e o surgimento dos primeiros diabos, além disso, ressaltam alguns atributos dos anjos caídos:

Existe uma hierarquia diabólica análoga à angelical. Iludindo as pessoas, utilizam o seu grande conhecimento e capacidade para realizar pseudomilagres. Podem também prever o futuro, não como profetas, com a certeza dada por Deus, mas de acordo com sua inteligência natural. (KOLAKOWSKI, 1985, p.14)

A Igreja, buscando se fortalecer, ao longo da Idade Média, criou uma diversificada exegese sobre as tentações, artimanhas e armadilhas impostas pelo inimigo, sempre à espreita para levar o homem ao inferno. O que transformou o mundo em um verdadeiro campo de batalha imerso em um clima de medo e terror. A partir do século IX, conforme explica Nogueira (2000, p.77):

O horror diabólico domina as consciências cristãs. Nas igrejas, pregam-se as penas infernais. A fantasia dos eclesiásticos deve chocar, provocar terror: lagos de enxofre, diabos armados de chicotes, dragões, água e piche ferventes, fogo e gelo,

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

infinitas torturas. Eis o inferno: livre campo à fantasia, livre curso a todas as crenças tradicionais.

Contudo, Muchembled (2001) atenta para o fato de que a construção teológica da figura diabólica definiu-se rapidamente sem ocasionar conseqüências sociais e culturais de grande amplitude. A questão demológica ficou restrita aos círculos eruditos da Igreja. Embora as práticas populares ligadas ao domínio da magia ou de ritos pagãos fossem denunciadas e reprovadas nos rituais de penitência, não sofreram perseguição sistemática:

O silêncio ou a relativa indiferença dos eruditos e dos teólogos a respeito das tradições mágicas populares, até o século XII, faz crer que a Igreja Católica não se sentia, em absoluto, agredida pelas convicções supersticiosas do povo, e muito menos por uma eventual contra-religão satânica, que seria denunciada com furor três séculos depois. (MUCHEMBLED, 2001, p.21)

As práticas pagãs subsistiram, porém, especialmente no meio campônio, onde permanece uma visão generalizada sobre o diabo quase semelhante ao “homem e que, como este, podia ser ludibriado e vencido” (MUCHEMBLED, 2001, p.14). Nessa concepção ele não é tão cruel como se diz, porque, segundo o dito popular: “o diabo faz medo e faz rir” (NOGUEIRA, 2000, p.45).

Para finalizar esta breve explicação sobre a metamorfose do Diabo através dos tempos, utilizamos as palavras de KOLAKOWSKI (1985) que resume sua atuação em três faces: a primeira seria a face do terrível, na qual a figura do diabo se aproxima mais do ensinamento oficial católico; a segunda seria a face grotesca, retratando o diabo por meio das manifestações populares e folclóricas, que o descrevem como um ser pouco assustador e digno de riso em numerosas lendas, estórias e contos; a terceira face do diabo é a trágica, esta sendo construída, sobretudo, pela figura literária do livro *Paraíso Perdido*, de Milton. Nesta face ele “tem dignidade e uma inteligência fria; é um perdedor orgulhoso.” (KOLAKOWSKI, 1985, p.19).

### **O diabo vicentino**

Como já foi dito, o foco de estudo deste artigo são as peças vicentinas que foram escritas no período do Humanismo, durante o qual predominava em Portugal a religiosidade de cunho medievalista, embora os influxos das navegações já mostrassem seus primeiros sinais. Decorre certamente deste contexto a produção de inúmeros autos.

Gil Vicente através de alegorias constrói um maligno característico, fruto do bifrontismo de seu período, que mescla a tradição religiosa com a cultura de cunho popular. Suas peças apresentam humor e crítica social. Como forma de explicar a caracterização do diabo vicentino, destacamos:

*Fildalgo: - Parece-te a ti assim!...*

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

*Diabo:* - Em que esperas ter guarida?

*Fidalgo:* - Que leixo na outra vida quem reze sempre por mim.

*Diabo:* - Quem reze sempre por ti?!..

Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...

E tu viveste a teu prazer,

cuidando cá guarnecer

por que rezam lá por ti?!...

Embarca ou embarcai...

que haveis de ir à derradeira!

Mandai meter a cadeira,

que assim passou vosso pai.

*Fidalgo:* - Quê? Quê? Quê? Assim lhe vai?!

(VICENTE, 2009, p10)

No trecho da peça, temos a figura do diabo que se caracteriza com a presença do humor. O *Fidalgo* recusa-se a entrar na barca do inferno, e afirma que não entra porque deixou na terra quem rezasse por ele. O diabo ri e zomba desta afirmação, visto que a figura maligna e cômica aqui apresentada não se refere à face terrível preferida pela ortodoxia da Igreja, mas aquela que está presente na religiosidade popular portuguesa. Através da alegoria e do riso, Gil Vicente utiliza a figura do diabo para fazer uma crítica à sociedade hipócrita.

No trecho que segue, temos a presença de outra figura importante no auto, o Parvo - personagem que aparece com a função de ridicularizar o representante do Mal. Vejamos:

*Diabo:* - De que morreste?

*Parvo:* - De quê?

Samicas de caganeira.

*Diabo:* - De quê?

*Parvo:* - De caga merdeira!

Má rabugem que te dê!

*Diabo:* - Entra! Põe aqui o pé!

*Parvo:* - Houlá! Nom tombe o zambuco!

*Diabo:* - Entra, tolaço eunuco, que se nos vai a maré!

*Parvo:* - Aguardai, aguardai, houlá!

E onde havemos nós d'ir ter?

*Diabo:* - Ao porto de Lucifer.

*Parvo:* - Ha-á-a...

*Diabo:* - Ó Inferno! Entra cá!

*Parvo:* - Ò Inferno?... Era má...

Hiu! Hiu! Barca do cornudo.

Pêro Vinagre, beijudo, rachador d'Alverca, huhá!

Sapateiro da Candosa!

Antrecosto de carrapato!

Hiu! Hiu! Caga no sapato, filho da grande aleivosa!

Tua mulher é tnhosa e há-de parir um sapo chantado no

guardanapo! Neto de cagarrinhosa!

(VICENTE, 2009, p30)

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Os diversos conceitos sobre o diabo que foram explorados aqui sempre mostravam uma figura que se diria o senhor do Mal e da mentira. No trecho acima, o Parvo tem a função de, com humor, ridicularizar o diabo em diversos momentos. Sendo uma característica da obra vicentina fazer a mescla entre o repertório erudito e o popular, esse aspecto faz surgir uma nova faceta do diabo, ele passa de enganador a ser enganado pela inocência do simples.

Já no trecho a seguir, temos o diabo novamente como a figura que ri dos pecadores satirizando todos que acreditavam poder enganar o julgamento divino a partir da compra de indulgências. Ele condena a alma do sapateiro a entrar na barca do inferno, mas este recusa-se porque havia oferecido muito à Igreja quando ainda vivo:

*Sapateiro:* - Pois digo-te que nom quero!

*Diabo:* - Que te pês, hás de ir, si, si!

*Sapateiro:* - Quantas missas eu ouvi, nom me hão elas de prestar?

*Diabo:* - Ouvir missa, então roubar, é caminho per'aqui.

*Sapateiro:* - E as ofertas que darão?

E as horas dos finados?

*Diabo:* - E os dinheiros mal levados, que foi da satisfação?

*Sapateiro:* - Ah! Nom praza ò cordovão, nem à puta da badana, se é esta boa traquitana em que se vê Jan Antão!

Ora juro a Deus que é graça!

(VICENTE, 2009, p36)

Após a leitura dos três trechos selecionados d'*O auto da barca do inferno*, notamos que Gil Vicente constrói uma figura do diabo condizente com o contexto português que funciona como uma aguda crítica aos maus costumes da sociedade de seu tempo. Na constante “guerra” para saber quem fica com mais almas, o maligno assume o papel cômico e, por vezes, ingênuo perante as almas que lá chegam, essa figura é a estratégia inovadora do teatro de Gil Vicente, fruto do imaginário medieval e do bifrontismo característico do Humanismo português.

### **Considerações Finais**

O trabalho desenvolvido tinha por objetivo mostrar a construção do maligno dentro da peça de Gil Vicente. Dramaturgo humanista que por meio do uso de alegorias enraizadas no imaginário cristão medieval cria uma obra contundente de denúncia das mazelas da sociedade portuguesa de seu tempo.

Vimos que a figura do diabo se modificou através dos tempos, assumindo diversas características. Verificamos aqui que a peça vicentina apresenta o diabo em sua forma cômica, repedindo durante toda sua peça, o anjo caído tenta convencer todos a entrarem em seu barco para levar as almas para o inferno, sempre mostrando (de maneira cômica) a suas vítimas seus pecados

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

terrenos e utilizando de argumentos para trazê-los para sua barca. Nem sempre obtendo sucesso, haja vista a figura do pardo que serve para contrariar o maligno. Gil Vicente mostra-nos um novo diabo surgido da necessidade de uma criação alegórica e satírica.

**Referências bibliográficas**

FRANCO JÚNIOR, Hilário. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu. Reflexões sobre mentalidade e imaginário. **Signum**. São Paulo, n. 5, 2003, p.73-116.

KOLAKOWSKI, Leszek. O Diabo. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v.12, n.2, out. 1985, p. 5-22.

MUCHEMBLED, Robert. **Uma história do Diabo, séculos XII – XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru: EDUSC, 2000.

VICENTE, Gil. **Auto da barca do inferno**. São Paulo: Nobel, 2009.



**JOSÉ DO TELHADO E ANTÔNIO SILVINO: HERÓIS AMBIVALENTES<sup>1</sup>**

ANDRADE, Silvana B.  
GONÇALVES, Henriqueta M. (Orientadora)

**Resumo:**

Esta comunicação investiga as remanescências do mito de Robin Hood, em representações literárias que tematizam as vidas e as façanhas bélicas do salteador português José do Telhado e do cangaceiro brasileiro Antônio Silvino. Diante da indiscutível vitalidade do tema do herói-bandido, no imaginário popular, busca-se analisar como o discurso literário contribui na edificação e na divulgação da fantasia heróica em torno de tais personagens.

**Palavras-chave:** José do Telhado. Antônio Silvino. Herói-bandido. Herói popular.

---

Esta comunicação apresenta, como propósito de investigação, a análise do perfil do herói-bandido, à sombra da lenda medieval inglesa de Robin Hood, nas representações literárias do salteador português José do Telhado e do cangaceiro brasileiro Antônio Silvino.

Iniciemos com a apresentação que Camilo Castelo Branco, em suas *Memórias do Cárcere*, faz de José do Telhado, com quem conviveu na Cadeia da Relação do Porto:

Este nosso Portugal é um paiz em que nem póde ser-se salteador de fama, de estrondo, de feroz sublimidade! Tudo aqui é pequeno: nem os ladrões chegam à craveira dos ladrões dos outros paizes! Todas as vocações morrem de garrote, quando as manifestam e apontam a extraordinários destinos.(...)

---

<sup>1</sup> Este trabalho constitui parte inicial da tese de doutoramento em Língua e Literatura Portuguesas, da Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD, sob a orientação da Professora Doutora Henriqueta Maria Gonçalves.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Diz algum tanto como exemplo d'esta lastimável anomalia a história do José Teixeira da Silva do Telhado, o mais famoso salteador d'este século.

Vulto de romance não o tem, porque n'este paiz nem se completam ladrões para o romance. (CASTELO BRANCO, Camilo, 1906. pp.75-77)<sup>2</sup>.

O registro simpático e heróico das façanhas do salteador molda-se à luz da estética romântica e constitui um marco na construção do mito do Robin dos Bosques português. José Teixeira da Silva, conhecido como José do Telhado, nasceu em 1818, na freguesia de Castelões de Recesinhos, concelho de Penafiel, e morreu em 1875, na aldeia africana de Xissa, para onde foi exilado. Sua alcunha deve-se à alusão ao local de nascimento, que possuía algumas casas com cobertura de telha, divergindo do costume da época de cobri-las com colmo. Na narrativa de Camilo Castelo Branco, a ascendência de José Teixeira ensombreira-lhe o destino:

Seu pae era o famigerado Joaquim do Telhado, capitão de ladrões, valente com as armas (...). Um tio-avô de José Teixeira, chamado elle o Sodiano, já tinha sido salteador de porte, e infestara o Marão durante muitos annos. Se arripiássemos carreira na linhagem do senhor José do Telhado, iríamos encontrar-lhe um avoengo em Roma, com uma Sabina roubada no colo. (*Idem*, p. 77-78).

Na juventude, José tenta seguir caminho diverso do da família. Apaixona-se pela prima Ana Lentina, mas por ter-lhe sido negada a permissão de namoro, parte para Lisboa e inicia breve, mas bem sucedida carreira militar, no quartel de cavalaria dos Lanceiros da Rainha. Castelo Branco registra seu aprendizado nas armas:

Lá ouvi – me dizia elle – a cantiga das primeiras balas, e algumas me queimaram o cabello, e vinham dizer-me ao ouvido que estivesse socegado. O barão de Setubal disse-me uma vez que choviam balas; e eu mostrei-lhe a lança, e disse: cá está o guarda chuva, meu general: deixe chover! (*Idem*, p. 80).

Em 1845, recebeu o consentimento para casar-se com Aninhas. À época, José Teixeira vivia modestamente, mas já dividia o que era de seu com os menos favorecidos.

Ditosos derivaram os primeiros anos deste suspirado enlace. José do Telhado era querido dos vizinhos, porque aos ricos nada pedia, e aos pobres dava os sobejos da sua renda e do seu trabalho de castrador. (*Idem*, p. 81)

Em 1846, sua participação na Revolução da Maria da Fonte<sup>3</sup> rendeu-lhe condecoração por bravura e respeito popular:

---

<sup>2</sup> Todas as transcrições deste trabalho respeitam a grafia das edições consultadas.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará  
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Entrou José do Telhado ao serviço da junta na arma da cavalaria. Comprou cavalo e fardou-se a todo o primor. Repartia do seu dinheiro com os camaradas carecidos e recebia as migalhas do cofre da Junta para valer aos que de sua casa nada tinham. José Teixeira empenhou-se grandemente para satisfazer o que em parte era capricho e em parte era largueza de alma. Acompanhou a expedição a Valpaços e foi dado como ordenança ao Sr. Visconde de Sá da Bandeira. As proezas cometidas nessa temerosa e mal surtida batalha estão escritas na condecoração da Torre e Espada, que o general por sua própria mão lhe apresilhou na farda. (*Idem*, p. 82)

Sufocadas as revoltas populares, José Teixeira retorna para a esposa e os cinco filhos, com muitas dívidas, sem trabalho, perseguido pelas autoridades concelhias, oprimido pelos impostos e sem mais recursos:

Trabalhar! Em quê, pergunto?  
Se não posso ganhar pão,  
Oh! O pobre desde o berço,  
Traz consigo a maldição.

E será crime roubar  
Quando os filhos teem fome?  
Quando a negra lei da sorte  
Os inocentes consome?

Impossível não mais posso  
A' desgraça resistir  
Mostra-me a fome o caminho  
Por onde devo seguir.  
(JORGE, 1898. p. 9)

Em desespero, Zé do Telhado ingressa no mundo do crime e assume a liderança da quadrilha de Custódio, o Boca Negra. Quando se viu definitivamente no comando, José do Telhado estabeleceu seu código de conduta:

De hoje em diante acabou a revalbaria! Temos de levar a vida a sério se queremos vencer. E quem não estiver satisfeito pode sair já, a porta está aberta! De hoje em diante, a malta aqui reunida não será um bando de ladrões. Governamo-nos, mas eu só vou tirar aos que têm mais, para dar aos que têm menos. Proíbo, ouvi bem: proíbo!, que alguma vez se tire aos pobres e a todos aqueles que vivem honradamente do seu trabalho. Nesta comunidade, também não consinto que se matem pessoas; e só usaremos a força quando resistirem e nos obriguem a isso.

---

<sup>3</sup> A Revolução da Maria da Fonte foi liderada pelas mulheres da freguesia de Fonte Arcada, contra três novas leis aprovadas pelo Parlamento nos anos de 1843 a 1845, que irritaram bastante a população: a Lei de Saúde, a Lei de Contribuição de Repartição e a Lei das Estradas.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Também não admito que ninguém se aproveite da ocasião para abusar das mulheres. (...)

- De hoje em diante, eu só estou aqui como repartidor público. Tudo o que tirarmos aos outros não será só para nós. Uma parte é para os pobres. (CASTRO PINTO, 2002. p.68,69).

Nasce, então, o Robin dos Bosques português, legítima atualização da lenda inglesa medieval, na serra do Marão, onde abundam registros na tradição oral. Segundo Júlio César Machado, “José Teixeira – nome d’elle – é pouco; José do Telhado é tudo. Quando passou do appellido para esta alcunha, apanhou a celebridade; (...)” (MACHADO, 1872, p.67). Consta que era bem-humorado, galante e cortês. Ajudava os necessitados, distribuía salvo-condutos a quem o tratasse com respeito e honestidade e recolhia para si a mesma porção que coubesse aos outros quadrilheiros, sem distinção. Os versos de António Nobre contribuem na cristalização de seu fascínio heróico no imaginário popular:

**VIAGENS NA MINHA TERRA**

Caía a noite. Eu ia fora,  
Vendo uma estrela que lá mora,  
No Firmamento português:  
(...)

E o carro ia aos solavancos  
Os passageiros, todos brancos,  
Ressonavam nos seus gabões:  
E eu ia alerta, olhando a estrada,  
Que em certo sítio, na Trovoada,  
Costumavam sair ladrões...

Ladrões! Ó sonho! Ó maravilha!  
Fazer parte duma quadrilha,  
Rondar. À Lua, entre pinhais!  
Ser capitão! Trazer pistolas  
Mas não roubando, - dando esmolas  
Dependuradas dos punhais.  
(NOBRE, 2009. p. 124).

Eric Hobsbawn (1976) afirma, em seu estudo sobre o banditismo social, que em locais e épocas distintos, tem-se observado o surgimento dessa categoria que ele denomina de “ladrões nobres”. Para ele, o mito de Robin Hood não desaparece, pois constitui um símbolo dos ideais utópicos de justiça, liberdade e heroísmo. O “bandido nobre” tradicional representa uma estratégia primitiva de protesto social: a do indivíduo que não dobra a cerviz e faz-se respeitar, tomando nas mãos as armas e as rédeas de seu destino.

O mito de Robin Hood, descrito por Hobsbawn, é representativo do conflito entre a realidade da cavalaria medieval e o sonho cavalheiresco. Os bandidos sociais almejam alcançar o idealismo, a abnegação e a consciência social associadas à imagem do arqueiro. Em “*Robin Hood*:

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

*a mythic biography*" (2003), o historiador Stephen Knight defende, nas ambivalências relacionadas à formação do mito, a primazia da investigação de uma construção social de mais de 600 anos de desenvolvimento de conceitos e sentimentos, e não apenas a mera alusão à figura histórica, real. O perfil de Robin Hood, como ladrão nobre, segundo Hobsbawn, pode ser sintetizado em nove pontos:

- Primeiro, o ladrão nobre inicia sua carreira de marginalidade não pelo crime, mas como vítima de injustiça, ou pela perseguição, pelas autoridades, devido a algum ato que considera criminoso, mas que é aceito pelo costume local.
- Segundo, ele "corrige os erros".
- Terceiro, "tira dos ricos e dá aos pobres".
- Quarto, "não mata, a não ser em legítima defesa ou vingança justa".
- Quinto, "se sobrevive, retorna a sua gente como cidadão honrado e membro da comunidade. Na verdade, ele nunca chega a deixar a comunidade."
- Sexto, "ele é admirado, ajudado e mantido por seu povo".
- Sétimo, "morre invariavelmente, e apenas por traição, uma vez que nenhum membro decente da comunidade auxilia as autoridades contra ele".
- Oitavo, ele "é – pelo menos em teoria – invisível e invulnerável".
- Nono, ele é "não o inimigo do rei ou imperador, fontes da Justiça, mas apenas da nobreza local, do clero e de outros opressores". (HOBSBAWN, op. cit., pp. 37-38)

Também no limite entre o real e o ficcional, Antônio Silvino corresponde ao perfil de Robin Hood na literatura de cordel brasileira e transpõe a existência histórica, imortalizado pela voz do povo. Nenhum outro cangaceiro anterior a Lampião mereceria tamanho interesse de poetas e cantadores populares, nas narrativas de suas façanhas heróicas:

Admira todo mundo  
Quando eu passo em um lugar  
Os matos afastam os ramos,  
Deixa o vento de soprar,  
Se perfilam os passarinhos,  
Os montes dizem aos caminhos:  
- Deixai Silvino passar!  
(BATISTA, Fco das Chagas. In: CASCUDO, 1966. p. 29.)

Antônio Silvino nasceu Manuel Baptista de Moraes, em Pernambuco, em 1875, e faleceu na Paraíba, em 1944. Tomou a alcunha em homenagem ao seu mestre de lutas, Silvino Aires. O pai, Pedro Baptista de Almeida, o Baptistão, era cangaceiro temido, assassinado em 1896. O filho vingou-lhe a morte e abraçou o cangaço, na sugestão do exemplo paterno:

Meu pai fez diversas mortes  
Porém não era bandido;  
Matava em defesa própria,  
Quando se via agredido,  
Pois nunca guardou desfeita  
E morreu por atrevido.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

(*Idem*, p. 25)

Destaque-se, nos versos citados, a noção que o imaginário sertanejo associa o banditismo apenas à prática do crime por encomenda, mediante acordo de pagamento.

De acordo com Câmara Cascudo, ao contrário de Lampião, mencionado na literatura de cordel com pavor e ódio, como devastador dos sertões com sua crueldade, Antonio Silvino, que reinou no cangaço de 1896 a 1914, mantém admiradores, nas recordações das suas atitudes cavalheirescas, dos gestos de generosidade e do estabelecimento de rigoroso código de honra, que incluía o respeito à honra das mulheres sertanejas, às crianças e aos idosos e a consideração por adversários valorosos. O “Rifle de Ouro” sintetiza o sertão e o sertanejo, e atualiza-se como benfeitor e justiceiro de seu povo:

Tudo que veve no mundo  
Navega com seu destino;  
A cobra traz o veneno,  
A mulher traz o menino,  
Redemuinho traz poeira,  
O sertão, Antôin Silvino!  
(Cego cantador. In: CASCUDO, op. cit., p. 30)

A ação benfeitora do cangaceiro, repartindo o butim com os pobres, também fica registrada nos cordéis:

Visitei todo o comércio  
Fiz muito bom apurado:  
E vi que por muito povo  
Eu me achava cercado.  
Alguns pediam-me esmolas  
Então não me fiz de rogado.

Uns quatrocentos mil réis  
Com os pobres distribui.  
Não serve isto para minha alma  
Porque esta eu já perdi,  
Mas serve pros miseráveis  
Que estavam nus e eu os vesti.  
(BATISTA, s/d. p.30)

O respeito à honra das mulheres sertanejas inspirou várias intervenções de Antônio Silvino com a aplicação de seu código de conduta e de moral:

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará  
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Quando as moças eram vistas

Com maus olhos por vizinhos  
Que tinham dado aos rapazes  
A periquita e carinhos  
Silvino dava sonoras  
Lições aos engraçadinhos.

(...)

Assim Antonio Silvino  
Fez diversos casamentos  
Coibindo alguns afoitos  
De certos atrevimentos  
Ministrando aulas severas  
De novos comportamentos.

Autor dos dez mandamentos

Do regime cangaceiro,  
A transgressão de um deles  
Valeria ao bandoleiro  
Ser morto sumariamente  
Por qualquer companheiro.

(...)

Mas vamos aos mandamentos  
Por Silvino redigidos  
E depois para os presentes  
Previamente reunidos  
Com aparato solene  
Cuidadosamente lidos.

1º - ter ao cangaço  
Fraterno e sincero amor;  
2º - seguir seu líder  
Por toda parte que for;  
3º – ter o seu chefe  
Como seu superior.

4º - morrer pelo grupo;  
5º - não deixar fugir  
Quem a qualquer mandamento  
Não respeitar, não seguir;  
6º - não ter pena alguma  
Daquele que nos trair;

7º - quem deixar as armas  
Fuzilar sumariamente;  
8º – não maldizer-se  
9º – conservar em mente  
Que a cobiça deve ser  
Pela riqueza somente.

10º – mandamento e último  
Dos dez de Antônio Silvino  
Castigava o transgressor

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

A cumprir pior destino  
Morrer sobre um formigueiro  
De sol escaldante a pino.  
(SILVA, 2006. p.4-6)

Produtos de uma necessidade profunda do psiquismo coletivo, que condensa medos, anseios, conflitos, esperanças, desejos de vingança, expectativas, os surgimentos dos mitos constituem a oportunidade de cristalização, como uma elaboração inconsciente, desses sentimentos na realidade. Dessas emoções constitui-se a idéia-força em torno da qual o trabalho estético do escritor tece o aparato de realce que lhe garantirá a atualização. Uma vez surgido, o mito se expande e se fortalece por meio de formas artísticas de qualidade que o sustentam e realimentam, assegurando-lhe lugar de destaque no patrimônio cultural de um povo, representando um fenômeno de cultura.

José do Telhado e Antonio Silvino são personagens históricas cujas cargas de referencialidade são muito fortes, que lhes garantem posição privilegiada no imaginário popular. Além disso, estas são personagens que transitam entre os universos do herói e do anti-herói: destacam-se dos seus semelhantes por um perfil único, que os individualiza e desperta sobre eles a admiração de seu povo. A noção de *herói-bandido* acrescenta outra ambivalência à questão. Tais personagens são reconhecidamente valorizadas como heróis do povo exatamente porque afrontam e subvertem o poder vigente e constroem, à margem desse poder, outro mundo, que se instaura e se rege por leis próprias. Tampouco são criminosos por causas intrínsecas, mas reagem a seu modo a um estado social injusto, transformando-se em defensores e vingadores do povo oprimido. Por isso, sua caracterização, a nosso ver, escapa das formulações conceituais que ancoram as diferentes concepções e áreas de conhecimento até agora investigadas.

À guisa de conclusão, verifica-se a incontestável permanência da fantasia heróica, que desempenha fundamental papel em manifestações culturais portuguesas e brasileiras. O tema literário do herói-bandido alcança o valor mítico, posto que fascina e condensa imagens de valor simbólico para uma coletividade, exprimindo-lhe dinamicamente a constelação mental em que se reconhece. Alicerçados no amor e no medo que despertaram, os heróis populares sobrevivem às suas molduras locais e sociais e pertencem à história recordada, elaboração artística da tradição oral, que realimenta o poder de nos comover e fascinar. O mito do herói-bandido traz à cena a discussão de temas e motivos que se entrecruzam e se distanciam, evidenciando aspectos culturais e históricos existentes em comunidades distanciadas pelo tempo e pelo espaço, o que reforça as interlocuções entre as culturas inglesa, portuguesa e brasileira.

## Referências

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:  
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

BATISTA, Francisco das Chagas. **A História de Antônio Silvino**. Mossoró: Ed. Queima-Bucha, s/d. p.30.

BATISTA, Francisco das Chagas. In: CASCUDO, Luis da Câmara. **Flôr dos Romances Trágicos**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Flôr dos Romances Trágicos**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Memórias do Cárcere**. Vol. II. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Livraria editora e Officinas typographica e de encadernação, 1906.

CASTRO PINTO, José Manuel. **José do Telhado – o Robin dos Bosques portugueses?** (Tradição popular). Lisboa: Plátano, 2002.

HOBBSAWN, Eric. J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976.

JORGE, José d'Almeida de Cardoso. **Verdadeira historia da vida e crimes de José do Telhado**. Celebre criminoso do século XIX descripta em versos. Porto: s.n., 1898.

KNIGHT, Stephen. **Robin Hood: a mythic biography**. Ithaca, London: Cornell University Press, 2003.

MACHADO, Júlio José. 'José do Telhado'. In: **À Lareira**. Lisboa: Livraria de Campos Junior, 1872.

NOBRE, António. 'Viagens na minha terra'. In: **Só**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.



## **A ÉTICA PLATÔNICA E SUAS LIÇÕES À CONTEMPORANEIDADE**

AQUINO, John K. S. de  
SOUSA, Damião C. de (Orientador)

### **Resumo**

O homem é um ser social, ele vive junto a outros, não há como ser diferente. Sendo assim, o homem deve procurar um meio para viver bem com todos, fazendo com que sua liberdade não atrapalhe a do outro. O homem quando entra na sociedade deixa de ser um "animal" e passa a ser um ser social, e em conjunto passam a procurar uma "humanização" da humanidade, isso surge com os costumes e leis que regulam a vida em conjunto, essas leis se tornam hábitos, formam um *ethos*, são as "leis" de um determinado local, é a ética de um povo. Desde a ética grega, à ética cristã até os dias de hoje, o homem busca um modo de humanizar sua conduta, um modo de bem viver um com os outros. Por vezes isso leva a um dogmatismo, quando a lei não serve ao homem, mas quando o homem serve à lei, mas esse caminho é cheio de altos e baixos, e assim o homem segue em sua descoberta de ser humano. Neste artigo irei discorrer sobre um dos maiores mestres da humanidade e suas idéias a cerca da ética e da justiça, o inigualável Platão e sua obra A República. Olhando para "trás" podemos ver o que já foi dito e as lições que este mestre nos deixou e o que ele tem a nos ensinar em nossa aprendizagem árdua, porém, recompensadora de ser tornar homens eticamente valorosos.

**Palavras-chaves:** Ética. Platão. Sociedade. Justiça.

---

### **PLATÃO - O estado perfeito e seu cidadão**